

A CATEQUESE AO SERVIÇO DA INICIAÇÃO CRISTÃ

1. O primeiro elemento a destacar é o facto de a catequese de iniciação, como toda a catequese, ser um acto de tradição viva, iniciação ordenada à revelação que Deus, em Jesus Cristo, fez ao homem, revelação essa que é guardada na memória da Igreja e nas Sagradas Escrituras e é constantemente comunicada “por uma ‘tradição’ (tradição) viva e activa de uma geração à outra”(CT 22). Deste modo, a catequese de iniciação é uma iniciação à revelação divina conservada na Igreja e transmitida mediante uma tradição viva e activa. A Igreja transmite, assim, aquilo que ela mesmo recebeu como dom e em que ela crê(Cf DV 8).

À catequese de iniciação cristã corresponde estruturar a conversão a Cristo, dando as bases para essa primeira adesão. Os convertidos, mediante “um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo”(AG 14) são iniciados no estilo de vida evangélico e nos mistérios da salvação. O objectivo é iniciar na plenitude da vida cristã(Cf DGC 63). Deste os tempos apostólicos, o ‘tornar-se cristão’ exige um caminho de iniciação, com diversas etapas. “Este itinerário pode ser percorrido rápida ou lentamente”(CCE 1229) e tem no catecumenado baptismal o seu modelo inspirador(Cf DGC 90). E, uma vez que é um processo de conversão, é essencialmente gradual e cristocêntrico, porque está ao serviço daquele que decidiu seguir Cristo.

Este processo gradual de iniciação cristã integra, em simultâneo, a proposta da fé e a celebração dos sacramentos, a tal ponto que “o elo que une a catequese ao Baptismo é a profissão de fé, que é, ao mesmo tempo, o elemento interior deste sacramento e o objectivo da catequese. A finalidade da acção catequética consiste precisamente nisto: favorecer uma profissão de fé viva, explícita e actuante. Para alcançar esta finalidade, a Igreja transmite aos catecúmenos e aos catequizandos a sua fé e a sua experiência do Evangelho, a fim de que estes a assumam como sua e, por sua vez, a professem”(DGC 66).

2. Esta comunicação faz-se através da doutrina, vida e culto que a Igreja presta a Deus, pelo que não se trata da transmissão de meros conceitos ou regras de comportamento. São, acima de tudo, realidades: “a realidade da salvação de Deus em Jesus Cristo pelo Espírito Santo na Igreja. São as realizações e as obras do amor de Deus ao longo da história da salvação, ontem, hoje e sempre”¹[1].

Estas realidades expressam-se nos símbolos da fé, celebram-se nos sacramentos da Igreja, mostram-se nos testemunhos das vidas dos santos e na herança espiritual dos Padres e no ensino dos pastores da Igreja. Todas estas são vias por onde se tem acesso à única verdade que salva: Jesus Cristo.

É impossível separar “a revelação como acontecimento histórico, da sua recepção pelo homem: até ao ponto de que não podemos falar de revelação com toda a propriedade, se

¹[1] CAMPO GUILARTE, M., “Transmisión de la fe e iniciación cristiana hoy”, p.74.

a automanifestação de Deus em e pela história não é captada pelo homem”²[2]. A catequese, por si, não produz nem é a revelação, mas é a entrega confiada do homem a Deus e a homenagem do entendimento e da vontade, conversão e conhecimento, experiência vital e verdade revelada. A revelação acontece precisamente quando, para além das afirmações materiais, se torna efectiva a sua realidade interna sob a forma de fé, pelo que pertence à revelação, em certo sentido, também o sujeito receptor, já que sem ele não se produz a revelação. É o Espírito Santo que ilumina interiormente o homem para que se una a Cristo pela fé e entre em comunhão de vida com a Santíssima Trindade, através d’Ele, sendo a catequese apenas a mediação eclesial.

Por isso, “actualiza-se a revelação quando, pela acção do Espírito, entramos e permanecemos em comunhão com os testemunhos que contemplaram o acontecimento revelador de Jesus Cristo e cujo testemunho se prolongou fielmente nos escritos da origem e na memória vivente da Igreja do acontecimento de Cristo, ou seja, daquela experiência original, definitiva e insuperável, que os homens fizeram de Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo e que se expressa na palavra proclamada, se revive na celebração, especialmente na Eucaristia, e se reafirma e historiciza numa práxis em que se presenciariza, nas novas situações dos homens, aquele modo de ser e de actuar do mesmo Jesus”³[3]. A catequese há-de conseguir que, sob a acção do Espírito Santo, a revelação seja significativa para o homem de hoje. A sua função consiste em fazer ressoar a Palavra de Deus, viva e significativa, de modo que toque a experiência do crente, a ilumine, o leve a interpretar a sua vida à luz da Palavra, lhe dê uma resposta positiva, com todas as implicações vitais que isso acarreta.

Num tempo como o nosso, com uma concepção fragmentária do saber e da vida, vem a propósito referir que precisamos de uma catequese que “apresente a fé da igreja de modo integral, rigoroso e fundamentado, capaz de dar resposta à quebra de verdade e à perda de orientação estável que origina a fragmentação ideológica e ética, a igualdade de todos os projectos humanos e o subjectivismo”⁴[4].

3. Para que se verifique a transmissão da fé, é precisa uma linguagem própria: a linguagem da fé (Cf DGC 208; CT 59). Jesus Cristo não se identifica em exclusivo com nenhuma cultura ou sistema de pensamento, mas revelou-se numa linguagem concreta. Foi certamente uma linguagem original e também normativa para qualquer outra linguagem que pretenda ser veículo da transmissão da Revelação, em fidelidade ao Magistério, a quem cabe discernir a sua autenticidade.

A Sagrada Escritura, a Sagrada Tradição, a liturgia, os símbolos baptismais e os pronunciamentos do Magistério formam e mantêm a identidade da linguagem da fé em todas as culturas onde a Igreja confessa a única fé. Pois bem, “se Deus se comunicou em Jesus Cristo expressando-se na tradição de uma linguagem, deduz-se que é necessário participar dessa tradição de linguagem para poder alcançar a verdade da comunicação

²[2] CAÑIZARES, A., “Catequesis y Revelación”, p.304.

³[3] *Ibidem*, p.312.

⁴[4] CAMPO GUILARTE, M., “Transmisión de la fe e iniciación cristiana hoy”, p.75.

de Deus. E esta via deve ser assumida e observada fielmente por aqueles que tenham o ofício de transmitir a fé”5[5].

À catequese cabe a missão de transmitir os documentos da fé(Cf MPD 9), que têm uma linguagem específica, capaz de dar acesso à Palavra de Deus e introduzir na dinâmica da salvação e nos acontecimentos salvíficos. A catequese tem a missão de tornar acessível ao homem actual, neste contexto cultural, a linguagem da fé. Este serviço há-de ser realizado na ‘tensão’ entre o Evangelho e a cultura actual. “A inculturação da fé e o seu diálogo com a cultura será umas das tarefas que terá que assumir a catequese no seu processo de actualização da revelação divina”6[6], pelo que há-de possibilitar aos cristãos que não serem meros repetidores de linguagens mortas, incapazes de dar razões da sua fé na sociedade hodierna, mas sim que dialoguem e dêem testemunho da sua fé. Para isso, a catequese leva a cabo uma hermenêutica tanto da existência humana actual como da Palavra eterna e historicamente dita que também fala hoje aos homens com toda a sua inigualável novidade.

4. O último elemento a que queremos fazer referência é à transmissão da fé que se realiza através do testemunho. O testemunho de fé “é a forma mais coerente da transmissão da Revelação. Mais ainda, pode afirmar-se que a transmissão da fé é essencialmente testemunho”7[7].

Trata-se de pôr à disposição da humanidade a verdade da fé, aquela realidade viva que impregna e envolve o ser da Igreja. Trata-se de ser testemunhas pessoais da salvação de Deus e mostrar aquilo que vimos e ouvimos(cf 1Jo 1, 1-3). Tal como Jesus dá testemunho do Pai e os apóstolos dão testemunho de Cristo, à Igreja cabe dar testemunho do Ressuscitado. Assim, através da Igreja, podemos chegar ao testemunho apostólico, e deste, ao de Jesus Cristo que nos revela o Pai.

No exercício da transmissão da fé, o testemunho é essencial e permite, em virtude da sua própria natureza, mostrar mais palpavelmente a realidade da fé, a vitalidade da verdade da fé, a proximidade de Jesus Cristo. Graças ao testemunho, a Igreja poderá afirmar diante do homem de hoje a força e a beleza da fé e proclamar com alegria: ‘Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja’, tal como aparece na liturgia baptismal. A catequese, ao estar vinculada à confissão de fé da Igreja, da sua vida, favorece a coerência entre o crer e o agir, por isso, é testemunho e exigência de testemunho.

5. Embora haja acções que preparam a catequese e outras acções que dela derivam, à catequese cabe o período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão. Após a conversão inicial, os catecúmenos, “mediante um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo, são iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico. Trata-se, de facto, de os iniciar na plenitude da vida cristã”(DGC 63).

5[5] *Ibidem*.

6[6] CAÑIZARES, A., “Catequesis y Revelación”, p.315.

7[7] CAMPO GUILARTE, M., “Transmisión de la fe e iniciación cristiana hoy”, p. 78.

De acordo com o Directório Geral da Catequese, o modelo adequado de catequese é aquele que introduz o crente numa experiência viva, pessoal e comunitária de fé. Esta não é transmitida já pelo ambiente social. Não se pode falar, hoje, de uma ‘herança da fé’, o que obriga a uma catequese de iniciação, de estilo missionário. “A situação actual da evangelização implica que as duas acções, o anúncio missionário e a catequese de iniciação, sejam concebidas de forma coordenada; e que, na igreja particular, sejam repostas através de um projecto evangelizador *missionário* e *catecumenal unitário*. Hoje, a catequese deve ser vista sobretudo como a consequência de um anúncio missionário eficaz”(DGC 277).

6. Esta catequese, que se inspira no modelo de catecumenado de adultos, faz com que se passe de uma catequese de instrução, centrada na transmissão de saberes, a uma catequese mais ampla, de iniciação à fé cristã, que ponha os alicerces da vida em Cristo.

Assumindo a riqueza da Igreja apostólica e dos Padres, vemos a iniciação cristã como uma preparação progressiva para celebrar e viver o Mistério de Deus, e esta preparação assume o estilo de caminho. Na realidade, “existe uma noção patrística de iniciação, que consiste num rito sacramental de passagem dos catecúmenos a fiéis, mais precisamente um rito no qual se descobrem as realidades da fé. A noção de iniciação é, assim, próxima à de iluminação. (...) Na medida em que existe nos Padres um ‘tipo’ de iniciação cristã, esta caracteriza-se pela conjugação, elevada ao máximo, entre o rito e a experiência de uma descoberta de fé”⁸[8]. Em vez de ser o termo do caminho, a iniciação introduz os fiéis na fé em tensão para a visão. Os sacramentos iniciam na medida em que introduzem os homens, pela iluminação da graça, no Reino que há-de vir.

7. A catequese de iniciação cristã, ao ser um momento essencial no processo evangelizador, possui umas determinadas características(Cf DGC 67-68), a seguir identificadas:

- É uma formação orgânica e sistemática na fé. Caracteriza-se por ser um aprofundamento do mistério cristão, não centrado apenas naquilo que é o querigma, mas suficientemente completo, aberto a todas as componentes da vida cristã: conhecer, celebrar, viver e orar;
- É mais do que um ensino, e, porque se ocupa da aprendizagem de toda a vida cristã, é uma iniciação integral, que favorece o seguimento de Cristo, centrado na Sua pessoa. O objectivo é educar o catequizando no conhecimento e na vida da fé, de modo a que se sinta tocado e fecundado, em todas as dimensões do seu ser, pela Palavra de Deus. Deste modo, ajuda-se o discípulo de Cristo a deixar aquilo que é o homem velho e a assumir os seus compromissos baptismais, professando a fé “a partir de uma adesão global, por uma sincera conversão do coração, esforçando-se por melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo, ao qual se entregou: conhecer o seu ‘Mistério’, o Reino de Deus que Ele anunciou, as exigências e as promessas contidas na sua mensagem evangélica e os caminhos que Ele traçou para todos aqueles que O seguirem”(CT 20);

⁸[8] GY, P.M., “La notion chrétienne d’ initiation. Jalons pour une enquête”, p.54..

- Por último, a catequese de iniciação é uma formação centrada no essencial da fé, naquilo que constitui o núcleo da experiência cristã, “nas certezas mais profundas da fé e nos valores evangélicos mais fundamentais”(DGC 67). A catequese realiza os alicerces do ser cristão, coloca os fundamentos sólidos que se hão-de desenvolver depois com o alimento posterior, na vida ordinária da comunidade cristã.

Deste modo, “a catequese de iniciação, sendo orgânica e sistemática, não pode reduzir-se ao meramente circunstancial ou ocasional, sendo formação para a vida cristã, supera – incluindo-o – o mero ensino; e sendo essencial, tem como objectivo aquilo que é ‘comum’ para o cristão, sem entrar em questões discutíveis, nem se transformar em pesquisa teológica. Enfim, sendo iniciação, incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé. Portanto, realiza, ao mesmo tempo, tarefas de iniciação, de educação e de ensino”(DGC 68).

8. Estas características correspondem, em definitivo, às “tarefas fundamentais da catequese”(Cf DGC 85-86), que têm no Catecismo da Igreja Católica um preciso instrumento para a sua realização.

A catequese deve, então, favorecer o conhecimento da fé, descobrir sempre mais o mistério de Cristo, que nos revela o Pai, e levar o catequizando a aderir a Ele. A *fides quae* e a *fides qua* implicam-se e exigem-se mutuamente: “o aprofundamento no conhecimento da fé ilumina cristãmente a existência humana, alimenta a vida de fé, e também capacita para testemunhar ao mundo as razões da fé. A entrega do símbolo, síntese da Escritura e da fé da Igreja, exprime a realização dessa tarefa”(DGC 85).

A Igreja, que transmite a fé como dom recebido do Senhor, que está presente na Sua Igreja especialmente nas acções litúrgicas (Cf SC 7), sabe que é conveniente que os cristãos participem com consciência na liturgia, celebrando a presença salvífica de Cristo, pelo que a catequese deve favorecer o conhecimento dos significados litúrgicos e sacramentais, os sinais e a dimensão comunitária da celebração.

A conversão a Jesus Cristo implica viver no seguimento da Sua vida. Por isso, a “catequese deve transmitir aos discípulos as atitudes próprias do Mestre. Assim, (os catecúmenos) deverão percorrer um caminho de transformação interior ao longo do qual, pela sua participação no mistério pascal de Cristo, ‘passem do homem velho para o homem novo em Cristo’”(DGC 85). A força interpeladora da evangelização acontece quando, juntamente com a palavra anunciada, se oferece também a palavra vivida.

A inserção no Mistério de Cristo leva os cristãos a assumirem a dimensão orante de Jesus, rezando com os mesmos sentimentos que Ele rezava ao Pai: confiança, adoração, louvor, súplica, agradecimento e contemplação da Sua glória. Por isso, quando a catequese é vivida num clima de oração, a aprendizagem da vida cristã alcança toda a sua profundidade. A oração ajuda o catequizando quando este se confronta com aspectos mais difíceis do Evangelho e quando se sente arrebatado pela acção de Deus na sua vida: acompanha-o nos momentos mais difíceis e nos de maior felicidade.

Para além destas quatro tarefas essenciais da catequese, há também outras duas que importa cuidar. A primeira é a educação para a vida comunitária, educando para viver a fé em Igreja. E do sentir-se Igreja deriva a segunda tarefa que é o sentido missionário,

pois como discípulo do Senhor, cada cristão leva-O aos distintos meios em que se insere, dando testemunho verdadeiro da sua fé.

Luís Miguel FIGUEIREDO RODRIGUES

luís@diocese-braga.pt

Bibliografia

CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *La Iniciación Cristiana. Reflexiones y Orientaciones*, ed. EDICE, Madrid 1998.

BOROBIO, D., *La iniciación cristiana*, ed. Sígueme, Salamanca 1989.

CAMPO GUILARTE, M., “Transmisión de la fe e iniciación cristiana hoy”, *Teología y Catequesis* 77 (2001) 67-84.

CAMPO GUILARTE, M., “Iniciación cristiana y catequesis”, in CAÑIZARES, A.; CAMPO, M., *Evangelización, Catequesis, Catequistas*, ed. EDICE, Madrid 1999, p. 145-186.

CAÑIZARES, A., “Catequesis y Revelación”, *Teología y Catequesis* (1984) 303-325.

GY, P.M., “La notion chrétienne d’ initiation. Jalons pour une enquête”, *Le Maison-Dieu*, 132 (1977) 33-54.

VILLERS, M., “D’une catéchèse de transmission à une catéchèse d’initiation”, *Lumen Vitae* (2001) 75-96.

DANIELOU, J.; Du CHARLAT, R., *La catequesis en los primeros siglos*. Ed. Grafite, Madrid 1998.
